

- Senhor Doutor Onésimo Silveira : Presidente da Câmara Municipal
- Senhor Doutor Germano Almeida
- Senhores representantes dos partidos políticos
- Ilustres convidados
- Minhas senhoras : meus senhores
- 
- Nesta sessão solene de comemoração do Dia da Nacionalidade e dos Heróis Nacionais, que coincide com o 25º aniversário do assassinato de Amílcar Cabral, é com sentida emoção que, em nome dos Combatentes da Liberdade da Pátria, tomo a palavra para exprimir a nossa homenagem aos heróis e mártires da Luta de Libertação Nacional, àqueles que, apreendendo o sentido da história, não olharam a sacrifícios e se empenharam de corpo e alma, para que Cabo Verde pudesse ser hoje uma nação livre e soberana no concerto das nações.
- Antes de prosseguirmos, queremos agradecer a todos os que se dignaram honrar-nos com sua presença neste acto simples, mas significativo, com que a Associação dos Combatentes da Liberdade da Pátria quis assinalar o Dia da Nacionalidade e dos Heróis Nacionais.
- O nosso mais vivo agradecimento à Câmara Municipal de S. Vicente, que aceitou apoiar-nos para que este 20 de Janeiro fosse comemorado condignamente.
- Aos Senhores Doutores Germano Almeida e Onésimo Silveira, o nosso penhorado reconhecimento, pelo valioso contributo ao brilho desta Sessão Solene, através dos temas que irão apresentar.
- 
- Minhas senhoras, meus senhores
- Ilustres convidados
- Quaisquer que sejam os nossos sentimentos e a nossa visão do Mundo, há datas, factos e personalidades que pertencem a toda a Nação, fazendo parte da nossa memória colectiva. São referências históricas, património nacional que deve ser preservado e que o país inteiro deve recordar com dignidade e reconhecimento pois, um país que não valoriza, na justa medida, os seus símbolos e referencias históricos, é um país diminuído que, dificilmente, pode mobilizar-se para grandes causas.
- Este ano, por se tratar do 25º aniversário do assassinato de Amílcar Cabral, pretende-se que a comemoração assuma contornos distintos, de maior ênfase, e que, em todo o país, actividades relativas à efeméride sejam celebradas, com sobriedade e dignidade adequadas, procurando sensibilizar e envolver os mais largos extractos da população, designadamente os jovens, e promover a reflexão sobre temas relacionados com o significado da data, animada por patriotas de distintas sensibilidades, mas de probidade e valor intelectual indiscutíveis, como é o caso aqui em S. Vicente.
- Se é certo que são as massas que fazem a história, não se pode, contudo, negar a importância das personalidades em períodos determinados da História dum povo.
- Nós somos tributários da obra e do pensamento de Amílcar Cabral, figura imortal a quem devemos a concepção das ideias e o corpo de doutrina que nos inspiraram e orientaram ao longo dos diversos períodos da luta de libertação.

- Foi essa personalidade singular que, com o brilho da sua inteligência e a generosidade do seu coração, iluminou a própria vida dos seus companheiros, ou, para utilizar uma imagem poética que lhe era familiar, "a estrada larga da esperança".
  - Foram, sem dúvida, as massas populares as obreiras dessa gesta libertadora; foi, decerto, o Partido, o catalisador da consciência nacional. Mas, no centro da acção, traçando as orientações das suas linhas mestras e dinamizando as capacidades militantes, ergueu-se sempre a figura de Amílcar Cabral, cuja estatura se compara aos grandes revolucionários do mundo contemporâneo.
  - Não estranha assim que, entre outros, o historiador francês Gérard Chaliand, num artigo que lhe consagrou, tenha sustentado que Cabral foi um revolucionário superior a Fanon e a Che Guevara.
  - Ou que o Presidente Leopold Sedar Senghor, o tenha classificado como, cito, "um dos maiores homens de Estado africanos : pela sua cultura, pela sua inteligência e coragem, pelo seu sentido do Humano."
  - Ou ainda, que o poeta português Manuel Alegre, o tenha considerado, cito, "de uma certa forma, ele também um Capitão de Abril, porque fundador de pátrias na terra africana, criador de uma nova História para o seu povo. Ele ajudou-nos também a mudar a nossa própria História e a salvar a nossa Pátria e, por isso, em Portugal, o seu nome é e ficará igualmente como sinónimo de liberdade", fim de citação.
  - Ao inimigo não escapou, pois, a compreensão exacta de que o homem de cultura e o teórico da libertação nacional, o engenheiro de consciências, o arquitecto do edifício, o estratega das vitórias militares, o diplomata das iniciativas retumbantes no plano internacional, tantas vezes o porta-voz dos movimentos de libertação das antigas colónias portuguesas, se reuniam, harmoniosamente, na personalidade de Amílcar Cabral.
  - Caros amigos : Ilustres convidados
  - Em 1972, o governo colonial português encontrava-se num beco sem saída na Guiné.
  - O PAIGC vinha somando vitórias e mais vitórias no terreno e a tropa colonial mostrava-se desmoralizada e incapaz de conter o seu avanço. De resto, o governador Spínola viria a reconhecer mais tarde, que não havia solução militar para o problema da Guiné.
  - No plano internacional, eram cada vez maiores os sucessos do PAIGC, já não somente no âmbito da OUA e dos países africanos, mas também junto das Nações Unidas e dos países ocidentais, inclusive entre os aliados de Portugal. O apoio humanitário da Suécia, a visita da missão da ONU às zonas libertadas da Guiné, a recepção que o Papa dispensou a Cabral, Agostinho Neto e Marcelino dos Santos, as perspectivas de reconhecimento do Estado da Guiné-Bissau, cuja proclamação se preparava para breve, tudo isso desesperava o governo português e, mais concretamente, o governo de Spínola na Guiné.
  - Por outro lado, o governo colonial estava consciente da repercussão negativa que o avanço impetuoso da luta na Guiné poderia ter nas restantes colónias, pelo que, urgia fazer tudo para tentar travar o avanço do PAIGC.
  - É perante esse quadro sombrio e face à percepção da verdadeira dimensão de Cabral no processo libertador, que os colonialistas arquitectaram o plano de eliminar fisicamente Amílcar Cabral e os
-

cabo-verdianos da Frente da Guiné, quaisquer que fossem os custos, convencidos de que, realizando esse plano macabro, desmembrariam o PAIGC e impediriam, assim, o colapso eminente na Guiné.

- Para isso, lançaram mão de guineenses, presos no Tarrafal e na Guiné, que, a pretexto de sua libertação, foram infiltrados no seio do partido. O plano foi descoberto, alguns agentes presos, mas a traição havia penetrado entre a própria segurança pessoal de Cabral.

- O plano inseria-se numa estratégia mais global, já que a derrota de Portugal na Guiné, onde a luta se encontrava em estágio mais avançado de desenvolvimento, teria certamente repercussões sérias nas outras colónias.

- Pelo contrário, a inversão da situação na Guiné, além da sua influência negativa do ponto de vista do moral nos movimentos de libertação, permitiria a deslocação e a concentração de meios e forças nas outras colónias e tentar assestar golpes mais demolidores às forças patrióticas nesses países, com os reflexos negativos evidentes que isso iria ter na resistência antifascista em Portugal.

- Hoje, não é difícil concluir que, caso o plano tivesse resultado na íntegra, ou seja, se tivessem conseguido desmembrar o PAIGC, a evolução da guerra colonial poderia ser bem diferente. Talvez nem tivesse havido o 25 de Abril, pelo menos nos tempos mais próximos.

- Felizmente, por um lado, a Guiné-Conakry não apoiou o golpe e não se consumou a liquidação dos cabo-verdianos, e, por outro lado, o PAIGC já alcançara um grau de maturidade suficiente para avançar sem Cabral. Pelo contrário, a acção militar das nossas forças recrudescceu e os campos fortificados foram caindo com frequência maior.

- Caros Amigos : Ilustres Convidados

- Esta breve retrospectiva histórica, reavivando factos talvez conhecidos de muitos, tem explicação neste momento quando, em Portugal, se empreendem iniciativas em certos sectores da sociedade, no sentido de branquear a imagem daqueles que foram os verdadeiros mentores desse acto ignóbil, condenado pelo próprio povo português.

- Aliás, nunca é demais lembrar factos históricos, pois como disse alguém, "só conhecendo o passado e a vida dos homens que o construíram, podemos planear o presente e perspectivar o futuro".

- É curioso notar que, apesar da estatura ímpar de Amílcar Cabral, à escala de África e do Terceiro Mundo e não só, apesar da sua importância enquanto teórico do movimento de libertação nacional, unanimemente reconhecido, apesar do seu papel decisivo na emergência da nacionalidade cabo-verdiana, apesar de tudo isso, tem-se a sensação que se pretende agora reescrever a história, negar ou diluir o valor da luta de libertação nacional conduzida por Amílcar Cabral e pelo PAIGC e que levou Cabo Verde à independência, e minimizar mesmo o percurso colectivo da libertação nacional, por sinal, o período dos mais, se não o mais fecundo da história dos cabo-verdianos, ignorando ou apagando os seus símbolos. Até se questiona a validade da independência nacional, num esforço de esquecer o que foi o abandono de Cabo Verde ao longo dos séculos, o que era Cabo Verde há bem poucos anos.

- Pensamos que um homem da estatura de Cabral jamais estará ultrapassado quando situado no contexto da sua época e, o que constituiu a essência do seu pensamento enquanto teórico da libertação nacional, será sempre válido.

- Se, tivermos ainda em conta que, para Cabral, a verdadeira libertação nacional não se limitava a ter uma bandeira e um governo nacionais, mas antes, prolongava-se para lá da conquista da soberania, passando a pôr-se em termos de libertação das forças produtivas, para realizar o progresso, podemos afirmar que os objectivos estratégicos do seu combate, por que deixou tudo (e tinha já algo que perder) e deu a vida, se mantêm inalterados na sua essência: a libertação nacional plena, a luta contra a exploração e a miséria, a luta pelo desenvolvimento, a luta pelo progresso e pela justiça social, enfim, a luta pelo crescente bem-estar material e espiritual do seu povo.
- Quando se tem em conta alguns contornos preocupantes que a evolução do país vem assumindo, mesmo em relação à plena soberania nacional, quando se constata que a maior parte da juventude cabo-verdiana ainda não tinha nascido por ocasião do assassinato de Amílcar Cabral e que, nem sequer conheceu o colonialismo, podemos questionar o que deve significar hoje homenagear Cabral.
- Será continuando a prática que ele já denunciava, sobretudo nos países subdesenvolvidos, que consistia em, cito, "fazer dos revolucionários, depois da sua morte, ícones inofensivos, rodeando o seu nome com uma certa auréola, esvaziando a sua doutrina do seu conteúdo" ?
- Ou perseverarmos-nos, no sentido de manter bem viva nas jovens gerações, o pensamento e a obra daquele que a memória dos povos retém como um lúcido político que soube, como poucos, aliando a teoria à prática, contribuir para a aceleração da História em Cabo Verde, na Guiné-Bissau e um pouco por toda a África?
- As respostas a essas questões são assuntos que merecem reflexão aprofundada, podendo ser tema de debate noutra ocasião já que, nem o tempo, nem as circunstâncias desta intervenção, facilitariam esse desiderato.
- Contudo, penso que, a melhor homenagem que se pode prestar a Cabral, é seguir o seu exemplo de patriota, a sua dedicação sem limites à causa nacional; é contribuir para o aprofundamento e valorização do seu legado teórico; é, essencialmente e sobretudo, procurar, através da acção, realizar aquilo por que ele deu a vida e constituiu o seu permanente e último objectivo: construir a felicidade do povo, na liberdade, na igualdade e no progresso.
- Ou, lembrando a Declaração da Praia, produzida há precisamente 15 anos, por ocasião do Simpósio Internacional que reuniu dezenas de intelectuais de diversos continentes: "celebrar o aniversário da morte de um líder revolucionário, como Amílcar Cabral, que também foi um grande pensador das lutas sociais dos povos oprimidos, alcança o seu sentido completo na medida em que o seu pensamento fecunde uma reflexão sempre renovada e o seu exemplo inspire compromettimentos à altura das situações contemporâneas".
- 
- SILVINO DA LUZ
- 20 DE JANEIRO DE 1998
-